



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ELDA QUARESMA DOS SANTOS

**ETNOCONHECIMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS EM
QUINTAIS NA COMUNIDADE MAMANGAL GRANDE, RIO MERUÚ,
IGARAPÉ-MIRI, PARÁ.**

Abaetetuba/PA

2019

ELDA QUARESMA DOS SANTOS

**ETNOCONHECIMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS EM
QUINTAIS NA COMUNIDADE MAMANGAL GRANDE, RIO MERUÚ,
IGARAPÉ-MIRI, PARÁ**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso,
Graduação em licenciatura de Educação no
campo, com habilitação em ciências naturais
da Universidade Federal do Pará, a ser
utilizado como diretrizes para manufatura do
trabalho de conclusão de curso, sobre
orientação do Professor Dr. Ronaldo Lopes.

Abaetetuba/PA

2019

Agradecimentos

É chegado ao fim um ciclo de muitas risadas, choro, felicidade e frustrações. Sendo assim, agradeço primeiramente a Deus por ter iluminado meu caminho, que me deu saúde e forças para superar todos dos momentos difíceis a que eu me deparei ao longo da minha graduação, a ele dedico este trabalho e a todos que fizeram parte desta etapa da minha vida, especialmente a minha mãe Eliésia Quaresma dos Santos e a meu pai, Deonato Gomes dos Santos (in memorian) meu tudo, é para ele e por ele que cheguei até aqui. Agradeço também a minha família por serem essenciais na minha vida.

Agradeço a meu noivo Pablo Stal por toda compreensão e apoio em todos os fins de semana dedicado aos estudos, a minha sogra Dilce e meu sogro Edir por todo cuidado e carinho que tem comigo e também a meus grandes amigos da universidade em especial: Elieida Carneiro, Joelson Leal, Marli Maués, Hetiany Pimentel e Valdicéia Gonçalves que permitiram que essa caminhada fosse mais alegre.

Meus sinceros agradecimentos a meu professor e orientador Dr. Ronaldo Lopes, que me ajudou bastante e foi uma peça fundamental para realização deste trabalho.

E não poderei esquecer de agradecer a todos os meus amigos que sempre conviveram e ainda convivem comigo, que são essenciais na minha vida sempre, Araci Amaral, Samaroni Nascimento, Edimara Ferreira, Kelly Ferreira, Renata Costa, Fernando Quaresma e Edineuza Pantoja. E como não lembrar dos meus novos amigos que foram essenciais nesse último ano de graduação, Israel Sena, Rodrigo Alex e Henrique Monteiro. Enfim, agradecer todas as pessoas que me ajudaram e apoiaram direta ou indiretamente, serei eternamente grata a vocês.

Resumo

A cidade de Igarapé-Miri encontra-se localizada na região Norte, Estado do Pará. A comunidade Mamangal está situada às margens do Rio Mamangal Grande, entre os rios Meruí-Açu e Maiauatá. Neste estudo objetivou pesquisar os conhecimentos tradicionais sobre a manipulação, os usos e as indicações terapêuticas das plantas usadas pelos moradores da comunidade Mamangal. A seleção dos colaboradores se deu através da metodologia “bola de neve”. Foram incluídos 20 participantes, na faixa etária de 30 a 76 anos, todos eram alfabetizados e a planta com predomínio de uso foi o mastruz, para tratar de afecções intestinais. A flora medicinal dos quintais da comunidade Mamangal apresentou elevada diversidade de espécies usada na medicina local.

Palavras-Chave: Comunidade Mamangal, Plantas cultivadas em quintais, conhecimento tradicional das plantas medicinais.

Abstract

The city of Igarapé-Miri is located in the North region, State of Pará. The Mamangal community is located on the banks of the Mamangal Grande River, between the Meruí-Açu and Maiauatá rivers. This study aimed to research the traditional knowledge about the manipulation, uses and therapeutic indications of the plants used by the residents of the Mamangal community. The selection of the collaborators was done through the "snowball" methodology. Twenty participants were included, in the age group of 30 to 76 years, all were literate and the plant with predominance of use was the mastruz, to treat intestinal affections. The medicinal flora of the backyards of the Mamangal community presented a high diversity of species used in local medicine.

LISTAS DE FIGURA

Figura 1-----	12
Figura 2-----	13
Figura 3-----	15
Figura 4-----	15
Figura 5-----	16
Figura 6-----	18
Figura 7-----	18
Figura 8-----	19
Figura 9-----	26
Figura 10-----	27
Figura 11-----	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	PLANTAS MEDICINAIS NO BRASIL	7
1.2	PLANTAS MEDICINAIS NA AMAZÔNIA	8
1.3	PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS EM QUINTAIS	9
2	JUSTIFICATIVA	9
3	OBJETIVOS	10
3.1	OBJETIVO GERAL	10
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
4	MATERIAL E METODOS	10
4.1	LOCAL DA PESQUISA	10
4.2	AMOSTRAGEM E COLETA DOS DADOS	12
4.3	IDENTIFICAÇÃO BOTÂNICA	13
4.4	ANÁLISE DOS DADOS	14
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
6	CONCLUSÃO.....	26
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
	ANEXOS	31

1 INTRODUÇÃO

1.1 Plantas Medicinais no Brasil

No Brasil o consumo de plantas medicinais tem como características o uso empírico, baseado no senso comum com poucas comprovações científicas (CAETANO *et al.*, 2015). As plantas medicinais representam a principal forma de tratamento de doenças para a maioria da população com baixa renda na região amazônica, devido às influências e ao custo dos produtos farmacêuticos (VEIGA; SCUDELLER, 2015).

De acordo com Messias *et al.*, (2015) parte da população brasileira encontra nas plantas medicinais a única fonte de recursos terapêuticos e isso ocorre tanto pela riqueza da biodiversidade, como também pelo baixo poder aquisitivo da população.

A utilização de plantas medicinais assim como o conhecimento das mesmas como medicamento vêm acompanhado o homem ao longo dos anos (GADELHA *et al.*, 2015). Sendo assim perpassados por diversas civilizações até chegar nos dias atuais.

No Brasil, os primórdios foram advindos pelos índios, onde os pajés utilizavam as plantas nos rituais para cura de muitas doenças na tribo. Vale ressaltar que nesse tratamento teve influências marcantes das culturas dos povos africanos, europeus e indígenas (BRAGA, 2011).

As pesquisas neste campo são importantes, especialmente no Brasil, uma vez que o seu território abriga uma das floras mais ricas do globo, da qual 99,6% são desconhecidas quimicamente (SILVA, 2012). Esses vegetais constituem um importante recurso utilizado para a manutenção da saúde de diversas comunidades ao longo do território brasileiro.

O cultivo de plantas medicinais em ambientes produtivos como os quintais é uma tradição repassada que gerações em centros urbanos e comunidades rurais (NOVAIS *et al.*, 2011; SIVIERO *et al.*, 2014; GONÇALVES *et al.*, 2017). É uma prática que pode expressar a cultura, ou seja, o modo de vida das pessoas que vivem em diferentes ambientes, que regula o que as pessoas fazem, pensam dentro de um contexto cultural e ambiental (LOBATO *et al.*, 2017).

Segundo Novais *et al.* (2011) esses espaços ao redor das residências, na percepção de habitantes de diferentes regiões, especialmente tropicais, assume uma importância no mundo atual, especialmente por se tratar de espaços de conservação e demonstração de saberes acumulados ao longo do tempo, perpassando gerações.

Os estudos etnobiológicos de quintais geralmente se concentram no funcionamento, na composição ecológica ou na contribuição econômica, e são importantes para a conservação de espécies e do patrimônio cultural (SIVIERO *et al.*, 2014).

Segundo Cruz *et al.* (2017) a forma de uso das espécies medicinais apresentou-se bastante diversificada em Breu Branco (PA), de maneira que os cultivadores não seguem um padrão quanto ao modo de preparo dos remédios caseiros utilizando uma mesma planta, cada um possui uma maneira peculiar de preparar e consumir os fitoterápicos, de acordo com a sua cultura e/ou crença. Em outro desenvolvido por GOIS *et al.* (2016) na comunidade Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-PA, os autores relacionaram o elevado número de receitas à base de plantas medicinais com a gravidade dos problemas de saneamento básico vivido pelas populações ribeirinhas amazônicas e a precariedade da assistência médica convencional.

Onde para grande parte da população ribeirinha veem as plantas medicinais como tratamento eficaz para vários tipos de doenças, como também o acesso as plantas se tornam mais acessível por muitas delas já se fazerem presentes nos quintais e por ser menos prejudicial ao organismo. É uma prática utilizada até os dias atuais e que vem dando certo.

1.2 Plantas medicinais na Amazônia

Os usos das plantas medicinais em diversas comunidades amazônicas perpassam o tratamento apenas de doenças descritas pela OMS, mas também de enfermidades estabelecidas dentro da cultura das comunidades como o quebranto, mau olhado, conquista da pessoa amada, quebra de feitiços e a conquista de vagas no mercado de trabalho (LOBATO *et al.*, 2017).

Essas plantas são utilizadas na medicina popular pelas comunidades locais por diversos fatores, entre eles a grande maioria é proveniente dos recursos vegetais encontrados nos ambientes naturais ocupados por estas populações, ou cultivados em ambientes de cultivo antrópico a exemplo de hortas e quintais (GOMES *et al.*, 2017).

A falta de postos de saúde próximos as casas dos ribeirinhos contribuíram de certa forma para o fortalecimento desses conhecimentos empíricos adquiridos pelos moradores ao longo dos anos, isto é, conhecimentos esses que a cada dia vem sendo estudado e que vem ganhando espaço no meio da medicina alternativa (SOUSA, 2011).

Segundo Bruning *et al.*, (2011) outro fator importante é a falta de profissionais qualificados que atendam essas comunidades, ou seja, algo que esteja voltado a atender

as necessidades dessa população carente, onde na maioria das vezes não se pode contar com um recurso econômico para poder se deslocar de sua comunidade para ir até a cidade em busca de atendimento especializado e de medicamentos para o uso.

Braga, (2011) ressalta que, essas são as formas que levam as pessoas a utilizarem plantas como fins terapêuticos, podendo ser de ordem médica, social, cultural, econômica, ou ainda, filosófica e acabam por optar por aquilo que lhes foram ensinados por seus antepassados.

1.3 Plantas medicinais cultivadas em quintais

Segundo Ferreira (2010) os quintais agroflorestais são utilizados para a complementação da obtenção de alimentos e outros recursos necessários à subsistência do agricultor, sendo comum dentro desses espaços locais destinados ao cultivo de hortaliças e plantas medicinais.

O cultivo de plantas medicinais em ambientes produtivos como os quintais faz parte da cultura, dos costumes e da forma como cada família se estabelece em uma determinada localidade (LOBATO, 2017).

Nos centros urbanos o espaço peri domiciliar vem diminuindo em função de novas construções e conseqüentemente, tem se observado o predomínio do cultivo das plantas ornamentais no interior das residências (TROTТА *et al.*, 2002).

Segundo Cruz *et al.* (2011), o cultivo de plantas medicinais em quintais em comunidades rurais se torna em parte, uma forma de preservação da história local, do etnoconhecimento e da cultura desses indivíduos. Os quintais são utilizados para diversos fins, dentre eles o do cultivo.

Devido aos benefícios e a tradição de uso, a maior parte dos proprietários de quintais agroflorestais urbanos dão preferência ao cultivo de espécies para fim medicinais, que geralmente são utilizados para tratar enfermidades no âmbito familiar (FREITAS *et al.*, 2012).

2 JUSTIFICATIVA

A Etnobotânica constitui uma importante ferramenta no estudo da flora brasileira, estimulando o manejo desses recursos naturais, pesquisas voltadas para a compreensão das relações das populações ou das comunidades com as plantas e valorizando os conhecimentos tradicionais (MACIEL, ET AL., 2002 ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006) logo, o investimento em pesquisas voltado para etnobotânica faz-se necessário

pela valorização, documentação da sabedoria popular sobre o uso das plantas medicinais e catalogação de novas espécies.

Os estudos etnobotânicos podem contribuir para a reflexão da relação humana com o ambiente e poderá subsidiar planos de manejo ou conservação de espécies com potencial terapêutico, nativas da floresta amazônica. Segundo Siviero et al. (2014) os quintais são espaços de fácil acesso para os moradores cultivarem diversas espécies com função estéticas, de lazer, para alimentação e medicinais.

Estudos realizados na comunidade do semiárido piauiense-PI (SILVA et al., 2017), da várzea em Mossoró-RN (FREITAS et al., 2015), de Barreiras em Almeirim-PA (BARRETO; FREITAS, 2017), em quintais urbanos de Abaetetuba-PA (LOBATO; LUCAS; JUNIOR, 2017) indicam que os usos de plantas medicinais dos quintais representam uma alternativa para geração de renda, tratamento de doenças e para conservação da diversidade local.

Segundo Novais et al. (2011) são muito mais que uma mera porção de terreno é um espaço social e cultural, nos quais as famílias mantêm uma grande diversidade de plantas, fazendo uso das mesmas de forma sustentável e garantindo assim a sua preservação.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Realizar o levantamento etnobotânico sobre o uso e os conhecimentos tradicionais de plantas medicinais cultivadas em quintais na comunidade Mamangal, rio Meruú, Igarapé-Miri, Pará.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar as espécies utilizadas com finalidade terapêutica;
- Registrar o conhecimento etnobotânico de moradores da comunidade Mamangal, rio Meruú associado às plantas medicinais;
- Contribuir para valorização do conhecimento local;
- Verificar que espécies apresentam maior importância cultural;
- Elaborar uma relação de plantas medicinais segundo a frequência de sua indicação para as doenças e agravos de maior incidência.

4 MATERIAL E METODOS

4.1 Local da pesquisa

A cidade de Igarapé-Miri (01°58'37''S e 48°57'34''W) está localizada na região nordeste do Estado do Pará, também conhecida como região do Baixo Tocantins (CRUZ *et al.*, 2017). O município tem uma extensão territorial de 1.996,84 km² e uma população estimada em 62.355 habitantes. Igarapé-Miri é delimitada pelos municípios de Abaetetuba, Mocajuba, Limoeiro do Ajuru e Cametá (IBGE, 2019).

O município está inserido no estuário formado pelo rio Tocantins, espaço constituído por muitas ilhas, igarapés e pequenos cursos d'água, conhecidos na região como furos. Os rios mais importantes para cidade são o Meruí-Açu e Maiauatá, pois permite o acesso a foz no rio Tocantins e são navegáveis ao longo do ano, tornando-se assim, grande propulsor para o desenvolvimento da região (CUNHA, 2016).

A comunidade Mamangal (01°53.274'S e 49°01.701'W) situa-se as margens do Rio Mamangal Grande, situado entre os rios Meruí-Açu e Maiauatá, tendo como principal fonte de renda a extração do açaí, a pesca e o serviço público municipal ou estadual (FIGURA 01)

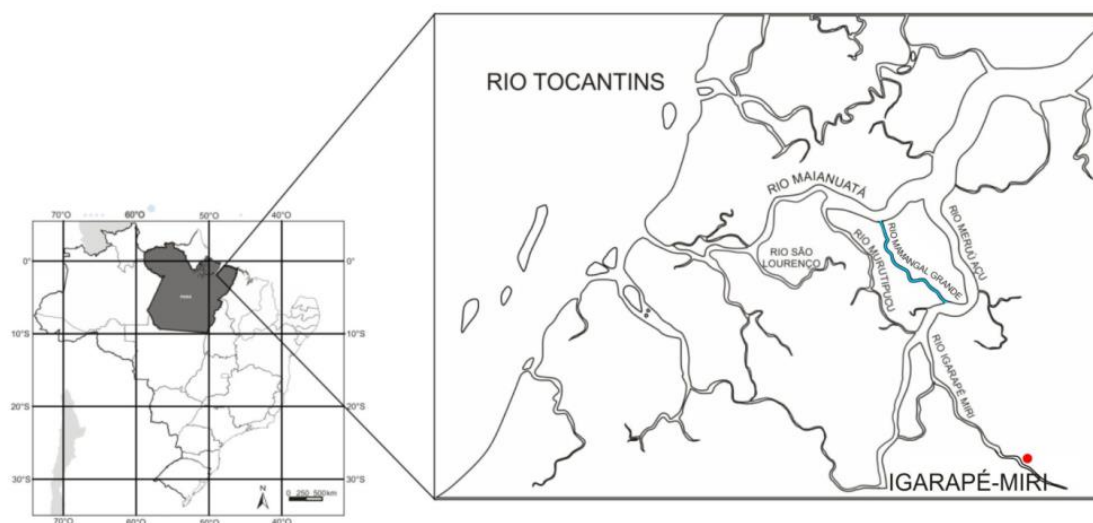


FIGURA 1. Localização da comunidade Mamangal, Igarapé-Miri, Pará.

Não existe posto de saúde na comunidade e quando os moradores necessitam de atendimento médico precisam se dirigir ao posto da vila Maiauatá ou para a sede do município. A comunidade Mamangal conta apenas com o serviço de duas agentes comunitárias de saúde (ACS), sendo que uma delas citou os problemas intestinais e as verminoses como os problemas de saúde mais recorrentes entre os moradores, principalmente as crianças. Segundo a ACS a falta de água potável pode ser um fator que

contribui para essa realidade, pois a água consumida na comunidade é captada diretamente do rio Mamangal Grande.

A comunidade não possui serviço de coleta do lixo doméstico pela prefeitura e todo resíduo sólido produzido pelos moradores ou são jogados diretamente no rio Mamangal Grande ou queimado ou enterrado. O problema mais recente que está afetando a comunidade é o tráfego intenso de pequenas embarcações denominadas de “rabudo”. Nos trechos mais estreito do rio tem ocorrido vários acidentes entre esses meios de transporte, e ao passar em frente às residências, além do barulho, provocam maresia, intensificando a erosão das margens do rio.

4.2 Amostragem e coleta dos dados

A seleção dos colaboradores se deu através da metodologia “bola de neve” (*snowball sampling*) (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

A pesquisa de campo consistiu em três etapas: na primeira foi feito uma visita ao líder comunitário que indicou os possíveis participantes; a segunda fase foi de aplicação dos questionários (anexo 1), que consistiram em explicar os objetivos do projeto, leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 2), esclarecimentos das dúvidas sobre o projeto e confirmar a aceitação em participar da pesquisa; na última fase foram realizados os procedimentos de coleta das amostras.

FIGURA 2: Plantas suspensas aos arredores das residências na comunidade Mamangal Grande.



Fonte: acervo pessoal

A técnica da lista livre foi adotada, através da qual cada informante listou individualmente as espécies utilizadas para fins terapêuticos (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

A pesquisa fez parte do projeto “Etnoconhecimento de plantas medicinais cultivadas em quintais na comunidade Mamangal, rio Meruú, Igarapé-Miri, Pará” e encontra-se cadastrado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen), sob o número A2B82CE (Anexo 3). A pesquisa foi submetida e aprovada no sistema da Plataforma Brasil e Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde (UFPA) com número de registro CAAE- 89148418.7.0000.0018 (Anexo 54).

4.3 Identificação botânica

As coletas dos espécimes vegetais e as visitas à comunidade Mamangal foi por meio de turnê guiada. A herborização seguiu as técnicas descritas por Ming (1996) e sempre que possível, coletou-se amostras férteis e foi realizado o registro fotográfico das plantas medicinais incluídas na amostra. A identificação das espécies foi feita com base na literatura especializada e consultas aos sites: Flora do Brasil 2020 e TROPICOS. ORG. do Missouri Botanical Garden. As exsicatas encontram-se catalogadas e incorporadas à coleção biológica do Herbário do Instituto Federal do Pará, Campus Abaetetuba.

FIGURA 3(A e B): Montagem das exsicatas no laboratório do Instituto Federal do Pará, Abaetetuba, janeiro de 2019.



Fonte acervo pessoal

FIGURA C: Excicata montada depositada no laboratório do Instituto Federal do Pará.



Fonte: acervo pessoal, 2019

4.4 Análise dos dados

Os dados obtidos foram organizados em tabelas e gráficos visando a melhor compreensão dos mesmos. A importância das espécies para a comunidade Mamangal foi estimada usando o cálculo do valor de uso (VU), conforme Rossato *et al.* (1999) e Phillips e Gentry (1993). A determinação da importância relativa foi calculada através da porcentagem de Concordância de Uso Principal (CUP) Amoroso; Gély (1988). Esses dados foram usados para elaboração de um artigo científico que foi submetido a Revista Scientia Plena (Anexo 5).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse estudo foram incluídos 20 participantes, dos quais apenas um pertencia ao gênero masculino e ocorreu entre os meses de agosto e outubro de 2018. Em relação à idade, estavam na faixa etária de 30 a 76 anos e todos eram alfabetizados. O predomínio das mulheres corrobora com vários estudos etnobotânicos que apontam a diferença entre gêneros e atribuem o conhecimento sobre as plantas medicinais, predominantemente entre o gênero feminino (SILVA *et al.*, 2017; PENIDO *et al.*, 2016; NETO; GOMES, 2018; SILVA *et al.*, 2018). Em relação à faixa etária, segundo Viu *et al.* (2010) esse é um fator importante sobre os conhecimentos acumulados acerca do uso medicinal das plantas,

pois nesse contexto a idade avançada pode indicar muita experiência em relação aos benefícios dos remédios caseiros.

Em relação ao grau de instrução, apenas um informante fez o curso de técnicas agrícolas e os demais apresentaram baixo nível de escolaridade, pois cursaram apenas o ensino fundamental incompleto. Levantamento etnobotânico realizado no município de Oliveira Fortes (MG) encontrou taxa de analfabetismo de 22% (NETO; GOMES, 2018) e em uma comunidade rural piauiense 32,4% de não escolarizado (SILVA *et al.*, 2018). Um dos fatores que desestimula a dedicação a carreira estudantil na comunidade Mamangal são as atividades laborais relacionadas a monocultura do açaí. A cidade de Igarapé-Miri é considerada a capital mundial do fruto e consequentemente, a coleta e o beneficiamento da polpa de açaí são considerados como as atividades mais lucrativas.

Quanto à origem dos colaboradores, observou-se que viviam na comunidade Mamangal desde que nasceram. Resultado diferente dos que foram descritos em uma comunidade rural piauiense, que apenas 18,31% viviam na comunidade desde que nasceu (SILVA *et al* 2018) e na comunidade Ramal do Bacuri, localizada na zona rural de Abaetetuba, Pará, em que aproximadamente 50% havia nascido na comunidade (LOBATO *et al.*, 2018)

A comunidade Mamangal localiza-se as margens do rio Mamangal Grande e tem influência das marés. Logo, durante a maré cheia, os quintais ficam total ou parcialmente inundados. Em função disso as plantas, incluindo as medicinais, são cultivadas em canteiros suspensos, em vasilhas com alça de arame ou de cipó, dentro da própria residência e, no solo úmido, aquelas que toleram tal condição.

FIGURA 04: Plantas suspensas aos arredores das residências na comunidade Mamangal Grande.



Fonte: acervo pessoal, 2019

Figura 05: Plantas suspensas aos arredores das residências na comunidade Mamangal Grande



Fonte: acervo pessoal, 2019

O deslocamento entre as residências dos mamangalenses pode ser feito pelo rio, usando pequenas embarcações denominadas de “rabudo”, e por cima de potes de madeira. Essas estruturas foram encontradas em 42,5% dos domicílios visitados, no espaço denominado de quintal, visando a locomoção ao redor da casa.

FIGURA 06: Plantas nos quintais aos arredores da casa, na comunidade Mamangal Grande.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Nesse ambiente peridomiciliar foi encontrado uma ampla diversidade de espécies, o que estar em consonância com o conceito de quintal proposto por Sales *et al.*, (2008). Foram identificadas 47 etnoespécies, das quais 37 foram identificadas em nível espécies, distribuídas entre 36 gêneros e 24 famílias. As famílias que apresentaram o maior numero de espécies foram Lamiaceae (8 espécies), e Bignoniaceae (3 espécies) (Figura 1). Essas famílias também foram citadas como sendo as mais representativas em outros estudos etnobotânicos de plantas medicinais (NERI *et al.*, 2018; ZENI *et al* 2017).

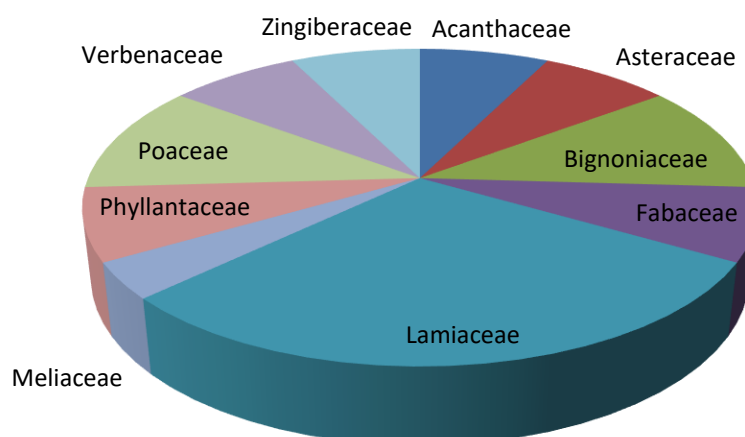


FIGURA 07. Famílias mais representativas no levantamento etnobotânico na comunidade Mamangal.

Na Tabela 01 estão descritas as diversas formas de manipulação medicinal e de usos das plantas na comunidade Mamangal. A indicação desses remédios caseiros, em geral, segue um ritual: relatar os casos em que o remédio funcionou; detalhar o modo de preparo; destacar as etapas mais importantes do tratamento que devem ser seguidas e as implicações em não cumpri-las. Essa ritualística estar de acordo com Zeni *et al.* (2017) ao sugerir que o termo remédio caseiro abrange todos os aspectos de utilização das ervas para fins terapêuticos preparados em ambiente caseiro.

Tabela 1. Aspectos etnobotânicos da flora medicinal de quintais usada pelos moradores na comunidade Mamangal.

Etnoespécies	Família	Nome científico	Indicação	Preparo e usos
Alho folha	Bignoniaceae	<i>Mansoa standleyi</i> (Steierm.) A.H.Gentry	Pressão alta.	Chá (folhas).
Amor crescido	Portulacaceae	<i>Portulaca subsect. Pilosae</i> D. Legrand	Lavar os cabelos.	Chá (planta inteira): amassar a planta e acrescentar um pouco de água e colocar para ferver.
Anador	Lamiaceae	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr	Dor de barriga.	Chá (folhas): misturar com boldo, marupá e hortelã.

Andiroba	Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Infecção e dores na garganta.	Óleo: tomar algumas gotas do óleo.
Anecrosan	N.I		Dor no fígado.	Chá (folhas): misturar com as folhas de anecrosan, chama, pirarucu, casca de laranja e ferver.
Araçá do sertão	Myrtaceae	<i>Psidium arboreum</i> Vell.	Inflamação em geral.	Chá (folhas).
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Febre. Derrame.	Planta inteira: amassar tudo e misturar com um copo de água e ferver.
Babosa	N.I		Queimadura de pele.	Tirar o gel de dentro da folha da babosa e colocar em cima da queimadura.
Boldo	<i>Lamiaceae</i>	<i>Plectranthus ornatos</i> Codd	Infecção intestinal.	Chá (folhas).
Boldo planta	Asteraceae	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Estômago cheio de gases e lento.	Chá (folhas).
Canafistola	Costaceae	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mil.) Urb.	Infecção urinária.	Chá (folhas): misturar com sucuriçu e amor crescido.
Canela	Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl.	Estresse.	Chá (folhas).
Capim marinho	<u>Poaceae</u>	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Pressão alta.	Chá (planta inteira).
Capim santo	Poaceae	<i>Citratus citratus</i> (L.) Stapf	Pressão alta.	Chá (folhas).
Catinga de mulata	Lamiaceae	<i>Aelloanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng	Aperreação de criança. Gripe.	Chá (folhas): Amassar a planta e misturar: pucá, arruda, gengibre preto, água ardente alemã, óleo elétrico, vinagre aromático e mucuracaá.
Caxinguba	Moraceae	<i>Ficus insipida</i> Willd.	Vermes.	Xarope: cortar a casca e colocar para ferver, depois coar, tirar o suco e misturar com leite condensado e voltar a ferver uns 30 minutos.

Chicória	Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Dentição de crianças.	Chá (raízes): misturar com chama e hortelã.
Comida de jabuti	Piperaceae	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Diabetes.	Chá (folhas).
Erva cidreira	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Baixar pressão.	Chá (folhas).
Erva santa	N.I		Gripe, Tosse, Catarro no peito.	Geleia: colocar as folhas com açúcar e um pouco de água em fogo brando. Mexer lentamente até a calda ficar grossa e de cor escura. Usar uma colher todo dia pela manhã e depois tomar banho.
Favaca	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Diabetes.	Chá (folhas).
Forsangue	Acanthaceae	<i>Justicia secunda</i> Vahl	Anemia.	Chá (folhas): ferver bem a folha até o caldo ficar bem vermelho.
Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Reumatismo.	Chá (raízes): ferver e depois fazer compressas nas regiões afetadas.
Hortelã branco	Lamiaceae	<i>Mentha sp.</i>	Estômago pesado.	Chá (folhas): misturar: marcela, gengibre, hortelãzinha e mastruz.
Hortelã do maranhão	Lamiaceae	<i>Marrubium hamatum</i> Kunth	Tosse com catarro no peito.	Chá (folhas): misturar a folha com jamaracará, algodão e laranja da terra e colocar para ferver.
Hortelã Verde	N.I		Dor no estômago.	Chá (folhas): ferver a folha com dois copos de água.
Hortelãzinho	N.I		Dor de estômago.	Chá (folhas): misturar com a marcela, gengibre, hortelã branco e mastruz.
Jucá	Fabaceae	<i>Libidibia férrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Todos os tipos de infecção. Inflamação.	Chá (folhas): ferver com água, coar e tomar.
Manjerição	Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Tosse com catarro.	Chá (folhas): ferver junto com a gemada de ovo.
Manjerona	Verbenaceae	<i>Lippia thymoides</i> Mart. & Schauer	Banho de cheiro e mal olhado.	Banho: juntar com pataqueira, mangericão e beliscão.

Marcela	N.I		Azia. Má digestão	Chá (folhas): Ferve a folha com: hortelãzinho, boldo, boldo de planta e erva doce.
Marupazinho	Iridaceae	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mil.) Urb.	Criança com dentição. Diarreia com sangue.	Chá (raízes): cortar a raiz e misturar com hortelã branco, chama, e terramicina.
Mastruz	Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Peito aberto. Dor de estômago.	Xarope: Misturar com marcela, gengibre e mel de abelha.
Mucuracaá	Phytolaceaceae	<i>Petiveria alliaceae</i> L.	Dor de barriga.	Chá (folhas): mistura com mucuracaá, anador e um copo de água, coar e beber.
Noni	Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Anti-inflamatório	Chá (frutos): cortar o fruto em cubos e ferver.
Pariri	Bignoniaceae	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G. Lohmann	Anemia.	Chá (folhas).
Pata de vaca	Fabaceae	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Infecção. Diabetes.	Chá (folhas): 2 folhas de pata da vaca e um copo de água.
Pataqueira	Scrophulariaceae	<i>Conobea scoparioides</i> Cham. & Schltdl	Banho de cheiro.	Banho: misturar com manjerição e ferver.
Pião roxo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pneumonia. Bronquite.	Chá (folhas, flores e frutos): ferver com água durante 30 minutos.
Pirarucu	Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Infecções. Gastrite.	Chá (folhas): bater a folha junto com leite condensado.
Pucá	Melastomaceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Javis	Febre. Derrame.	Banho: ferver a folha com um copo de água e depois misturar com álcool. Passar várias vezes durante o dia na parte do corpo afetada ou dar o banho.
Quebra pedra	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Dor nos rins.	Chá (folhas): juntar quebra-pedra, sucuriju, babosa e água para ferver, depois coar e beber.

Raiz de borboleta	Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	Albumina.	Chá (raízes): tirar a raiz escovar bem e ferver para banhar.
Sitronela	Poaceae	<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Repelente contra mosquitos	Chá (folhas): passa na pele.
Sucuriçu	Asteraceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	Pedra no rim.	Chá (folhas): ferver junto com quebra-pedra, babosa e água, coar e beber.
Trapueraba	N.I		Coceira de pele, Alergia de pele e Infecção urinária	Chá (folhas): misturar com canafistola e chama.
Trevo roxo	Acanthaceae	<i>Hemigraphis alternata</i> (Burm. F.) T. Anderson	Dor no ouvido	Murcha a folha e espreme o sumo que sair no ouvido

Na comunidade Mamangal a parte vegetal mais utilizada na elaboração de remédios foi a folha, na forma de chá. Segundo Vásquez *et al.* (2014) o chá das folhas deve ser preparado por infusão, devido ser uma parte tenra da planta e a decocção, recomendada para as partes mais consistentes como as cascas. Nessa pesquisa foi observada a preparação de chás simples e mistos, corroborando com os resultados relatados em 47,6% das preparações de chás terapêuticos na comunidade Rio Urubueua de Fátima na cidade de Abaetetuba, Pará (MOURA *et al.*, 2016).

As plantas medicinais que compõem a fitofarmacopéia da comunidade em estudo estão distribuídas em quatro hábitos: Erva (70%), Árvore (18%), Arbusto (9%) e Liana (3%). Segundo Neto e Amaral (2010) a preferência por ervas pode ser devido ao pouco espaço que ocupam e ainda podem facilmente serem plantadas aos arredores das residências. Dessa forma, ambientes como os quintais são os mais explorados, pois é onde se encontram a maioria das plantas medicinais citadas (73,91%). Os quintais são muito explorados, por serem extensos ambientes em volta das casas, onde basicamente são ocupados por plantas úteis (medicinais e frutíferas) Plantas utilizadas contra problemas de saúde frequentes devem ficar mais acessíveis e, portanto, devem ser cultivadas próximas às habitações (AMOROSO; GÉLY, 1988).

Na comunidade Mamangal as espécies de plantas medicinais cultivadas em quintis são aplicadas nos cuidados a saúde para o tratamento de problemas gastrointestinais (32%

das indicações), sintomas em geral (29% das indicações), doenças respiratórias (16% das indicações) e processos inflamatórios e infecções (23% das indicações). Segundo um estudo desenvolvido por Gois *et al.*, (2016) as diversas formas como as plantas medicinais são usadas na medicina popular, reflete o espectro de problemas de saúde enfrentados pelas comunidades ribeirinhas na Amazônia, como consequência dos problemas sanitários e a precariedade da assistência médica convencional.

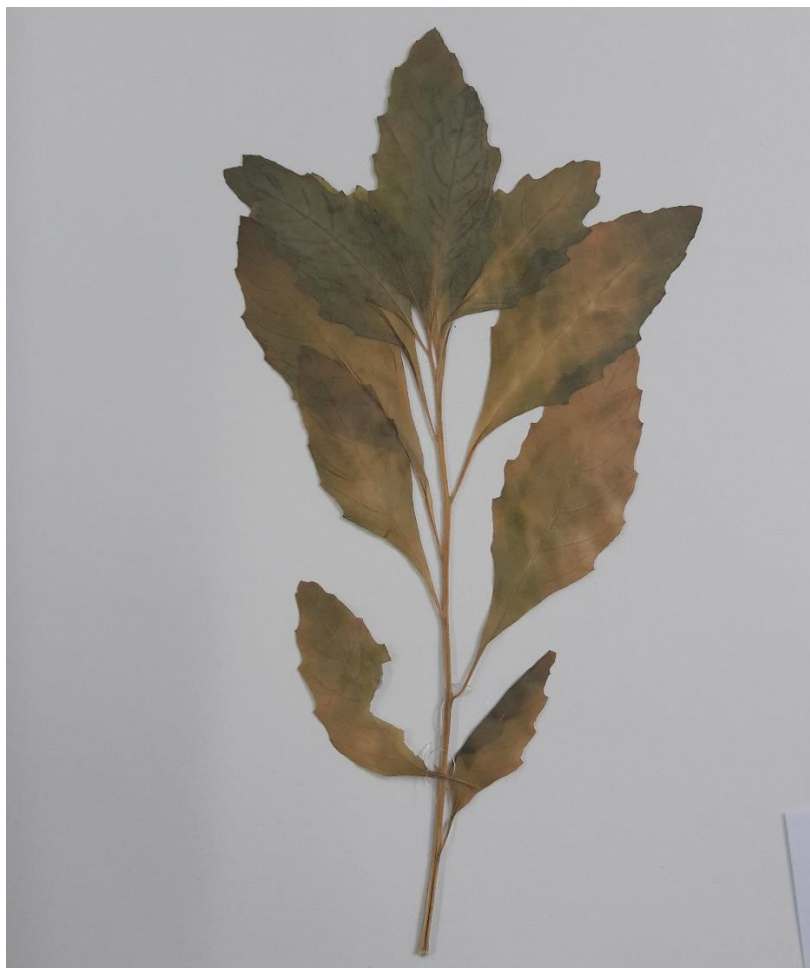
A cerca do consenso de uso entre os colaboradores, nove espécies medicinais apresentaram valores de consenso de uso principal superior a 25%. As plantas arruda (*Ruta graveolens* L.) mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) e pariri (*Fridericia chica* (Bonpl.) L.G. Lohmann).

FIGURA 08: excicata da planta Arruda.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

FIGURA 09: Excicata da planta mastruz



Fonte: Acervo pessoal, 2019

FIGURA 10: excicata da planta pariri



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Apresentaram valor de CUPs maior que 50%, indicando um apreciável consenso de uso popular e potencial medicinal. A arruda foi a etnoespécie que apresentou a CUPs mais alta, com 87,5% usada para o tratamento de derrame, seguida de pariri (62,11%) indicada para combater anemia e matruz (55,80%) receitado contra problemas gastrointestinais.

O maior valor de CUPs para cada espécie significa que maior foi o número pessoas que relataram formas de uso para a mesma planta, sugerindo maior concordância de uso na comunidade em estudo. Elevados valores de uso de uma determinada espécie de vegetal, reforça a concordância de uso, o que pode servir de parâmetro para estudos farmacológicos no futuro. Segundo Roque *et al.* (2010) estudos etnobotânicos da flora medicinal de quintais podem ser uteis como uma triagem de plantas que poderão ser usadas para bioprospecção de biomoléculas com potencial terapêutico para descoberta de novos fitoterápicos ou melhorar as já existentes e novas perspectivas de tratamentos alternativos.

O valor de VU das espécies foi calculado, encontrando valores que variaram entre 0,02 a 0,25, sendo os valores mais expressivos: hortelã do maranhão, pião roxo, comida de jabuti, boldo planta, mastruz e canela. Entretanto, amor crescido com 17 citações apresentou VU (0,01) e catinga de mulata (0,02) com todas as citações. Segundo, Neto *et al.* (2018) pode-se inferir que a importância das espécies não está relacionada diretamente ao número de indivíduos que as usam, mas sim ao número de indicações terapêuticas.

A espécie *Chenopodium ambrosioides* L. (mastruz) foi à única que apresentou valores de VU e CUPs significativos, corroborando com os resultados descritos por Costa e Marinho (2016), em um estudo realizado no município de Picuí (PB). Estudos etnobotânicos em localidades diferentes indicaram o mastruz para diversas afecções, o chá das folhas para o tratamento de problemas intestinais, cicatrização de ferimentos na pele e anti-inflamatório Borges e Moreira (2016); o sumo da planta inteira para inflamação do sistema respiratório Oliveira e Rocha (2016) e o suco das folhas para combater parasitas intestinais (NOVAIS *et al.*, 2011).

A análise de vários estudos sobre o conhecimento popular acerca do mastruz percebe-se discrepâncias quanto às formulações, indicações e modo de uso, porém há o predomínio do uso desse vegetal para tratar afecções intestinais, (NOVAIS *et al.*, 2011; BORGES, 2016; THEISEN *et al.*, 2015). De acordo com Theisen *et al.* (2015), os conhecimentos sobre a diversas formas de cura representam saberes local, transmitidos genuinamente através da oralidade e de gestos, comunicada por intermédio da família e da vizinhança.

6 CONCLUSÃO

Os quintais da comunidade Mamangal apresentaram elevada diversidade de espécies usada na medicina local. Essa flora medicinal tem grande significado para a população, pois as diversas formas de preparo e de usos desses remédios caseiros visam atender as demandas dos mamangalenses.

Em suma, este artigo visa mostrar a importância dos valores tradicionais para comunidade, valores estes que já estão se perdendo devido ao falecimento das pessoas mais idosas do local, e que por consequência levam consigo esses conhecimentos e costumes e que muitos deles acabam não sendo praticados pelos seus descendentes.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque UP, Lucena RFP, Lins Neto EMF. **Seleção dos participantes da pesquisa.** In. Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha LVFC. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica.** Recife, PE: NUPEEA, 2010.
- Amaorozo MCM, Gély A. **Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, serie Botânica 4 (1): 47-131, 1988.
- Borges RM, Moreira RPM. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais no município de Confresa Mato Grosso, Brasil.** Biodiversidade. 2016; 15 (3): 68-82.
- Costa JC, Marinho MGV. **Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil.** Revista Brasileira Plantas Medicinai, Campinas. 2016; (1): 125-134. doi: 10.1590/1983-084X/15_071.
- Cunha EM. **Mutirão e trabalhadores de Igarapé-Miri: açaí como alternativa econômica no contexto de gênero.** Papers do NAEA nº 206. 2006 dez. ISSN: 15169111.
- Ferreira LR, Tavares-Martins ACC. **Química e etnofarmacologia de plantas místicas em uma comunidade amazônica.** *Revista Fitos*, Rio de Janeiro. 2016 jul-set; 10 (3): 220-372.
- Flor ASSO, Barbosa WLR. **Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego do distrito de Marudá-PA.** Revista Brasileira Plantas Medicinai. 2015; 17 (4): 757-768.
- Giraldi M, Hanazaki N. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil.** Act Bot Bras. 2010; 24 (2): 395-406.
- Gois MAF, Lucas FCA, Costa JCM, Moura PHB, Lobato GJM. **Etnobotânica de espécies vegetais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal.** Revista Brasileira Plantas Medicinai. 2016; 18 (2): 547-557.
- Gonçalves JP, Lucas FCA. **Agrobiodiversidade e etnoconhecimento em quintais de Abaetetuba, Pará, Brasil.** Revista Brasileira Biociências. 2017; 15 (3): 119-134. ISSN: 1980-4849.
- Gonçalves NMT, Gerenutti M, Chaves DAS, Vila MMDC. **A tradição popular como ferramenta para implantação da fitoterapia no município de Volta Redonda, RJ.** Revista Brasileira Farmacologia. 2011; 92 (4): 346-351.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conheça cidades e estados do Brasil. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 26/01/2019.

Leandro YAS, Jardim IN, Gavilanes ML. **Uso de plantas medicinais nos cuidados de saúde dos moradores de assentamento no município de Anapu, Pará, Brasil.** Biodiversidade. 2017; 16 (20): 30-44.

Leite IA, Moraes AM, Silva de Ó KD, Carneiro RG, Leite CA. **A etnobotânica de plantas medicinais no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil.** Biodiversidade. 2015; 14 (1): 22-30

Lobato GJM, Lucas FCA, Junior MRM. **Estética, crenças e ambiência: as representatividades plantas ornamentais em quites urbanos de Abaetetuba-Pará.** Ambiência Guarapueva. 2017 jan/abril; 13 (1): 135-149. doi: 10.5935/ambiência.2017.01.09.

Ming LC. Coleta de plantas medicinais. In: DI Stasi L C. (Org.). **Plantas Medicinais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

Moura PHB, Lucas FCA, Tavares-Martins ACC, Lobato GJM, Gurgel ESC. **Etnobotânica de chás terapêuticos em Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-Pará, Brasil.** Biotemas. 2016; 29 (2): 77-88. doi.org/10.5007/2175-7925.2016.

Neri G, Oliveira TL, Oliveira VJS, Brito NM. **Uso de plantas medicinais nas unidades de Saúde da família do Alto Sobradinho e Cocão do município de Santo Antônio de Jesus-BA.** Ensaios Cienc. 2018; 22 (1): 58-62. doi: 10.17921/1415-6938.

Neto GG, Amaral CN. **Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.** Polibotânica. 2010; 29: 191-212. ISSN: 1405-2768.

Neto LAG, Gomes FT. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população do município de Oliveira Fortes – MG.** Ciências Biológicas Saúde. 2018 agosto; 8 (27): 1-17. doi: 10.25242/886882720181319.

Novais AM, Neto GG, Guarim VLMS, Pasa MC. **Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Carceres-MT, Brasil.** Revista Biodiversidade. 2011; 10 (1): 3-12.

Oliveira VB, Rocha MCA. **Levantamento de plantas utilizadas como medicinais na cidade de Caxias-MA: uma perspectiva etnofarmacológica.** Revista Interdisciplinar. 2016 out. nov; 9 (4): 43-52. ISSN: 2317-5079.

- Palheta IC, Tavares-Martis ACC, Lucas FCA, Jardim MAG. **Ethnobotanical study of medicinal plants in urban home gardens in the city of Abaetetuba, Pará State, Brasil.** Boletín Latinoamericano Del Caribe Plantas Medicinales Aromáticas. 2017; 16 (3): 206-262.
- Penido AB, Moraes SM, Ribeiro AB, Silva AZ. **Ethnobotanical study of medicinal plants in Imperatriz, State of Maranhão, Northeastern Brazil.** Acta Amazonica. 2016; 64 (4): 345-354. doi: 10.1590/1809-4392201600584.
- Phillips O, Gentry AH. **The useful plants of Tambopata, Peru: I. statistical hypotheses test with a new quantitative technique.** Economic Botany. 1993; 47 (1): 15-32.
- Pinto LN, Flor ASSO, Barbosa WLR. **Fitoterapia popular na Amazônia Paraense: uma abordagem no município de Igarapé-Miri, estado do Pará nos anos de 2000 e 2008.** Revista Ciências Farmacêuticas Básica Aplicada. 2014; 35 (2): 305-311.
- Roque AA, Rocha RM, Loiola MIB. **Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil).** Revista Brasileira Plantas Medicinais, Botucatu. 2010; 12 (10): 31-42.
- Rossato SC, Leitão-Filho HF, Begossi A. **Ethnobotany of Caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil).** Economic Botany. 1993; 53 (4): 387-395.
- Sales JP, Noda SN, Mendonça MAF, Branco FMC. **A pecuária nos sistema de produção familiar na microrregião do Alto Solimões, Amazônia.** Revista Brasileira Agroecologia. 2008; 3 (1): 20-27. ISSN: 1980-9735.
- Santos JFF, Coelho-Ferreira M, Lima PGC. **Etnobotânica de plantas medicinais em mercados públicos da Região Metropolitana de Belém do Pará, Brasil.** Biota Amazonica. 2018; 8 (1): 1-9.
- Silva PH, Oliveira YR, Abreu MC. **Uma abordagem etnobotânica acerca das plantas úteis cultivadas em quintais em uma comunidade rural do semiárido piauiense, Nordeste do Brasil.** Journal Environmental Analysis Progress, 2017. doi: 10.24221/jeap.2.2.2017.1179.115-124.
- Silva PH, Ooliveira YR, Abreu MC. **Entre símbolo e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense.** Gaia Scentia. 2018; 12 (1): 1-16. ISSN: 1981-1268.

- Theisen GR, Borges GM, Vieira MF. **Implantação de uma horta medicinal e condimentar para uso da comunidade escolar**. Revista Eletrônica Gestão Educação Tecnologia Ambiental. 2015 jan-abr; 19 (1): 167-171. doi: 10.5902/2236117015546.
- Trotta J, Messias PA, Pires AHC, Hayashida CT, Camargo C, Futema C. **Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no Estado de São Paulo, Brasil**. 2012 jan/jun; 14 (3): 17-34. ISSN: 1983-1501.
- Vásquez SPF, Mendonça MS, Noda SN. **Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil**. Acta Amazonica. 2014; 44 (4): 457-472. doi.org/10.1590/1809-4392201400423.
- Viu AFM; Viu MAO; Campos LZ. **Etnobotânica: uma questão de gênero?** Revista Brasileira Agroecologia, Porto Alegre. 2010; 5 (1): 138-147.
- Zeni ALB, Parisotto AV, Mattos G, Helena ETS. **Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na atenção primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil**. Ciência Saúde Coletiva. 2017; 22 (8): 2703-2712. doi:10.1590/1413-81232017228.18892015.

ANEXOS